|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| http://evoracapitalentejana.files.wordpress.com/2011/04/pmba-big.gif |  | Mestrado de Educação Pré-escolar  Prática de Ensino Supervisionado 2012/2013**Relatório de observação participante em Creche II** |  | **Semana:** 11 a 15 Março 2013  **Horas:** 9h00-16h00  **Instituição:** Colégio Fundação Alentejo |
|  |

|  |
| --- |
| Nome: Ana Mendonça Ferreira da Silva N.º 10370 **Educadora cooperante:** Maria João Pimenta **Sala:** 1-3 anos |

**Anotações diárias**

**2ªfeira**

O António (2:1) hoje estava todo contente porque tinha a mãe lá na sala a fazer brigadeiros connosco. Estas visitas dos pais à escola, onde participam na dinâmica que se estabelece na sala e onde apresentam propostas para concretizarem com todo o grupo no qual o seu filho faz parte, vêm mais uma vez demonstrar a boa relação família-escola que existe naquela sala. Para além de reforçar essa relação, para as crianças é algo muito especial ter o pai, a mãe ou um familiar na sala a trabalhar com ela e com os seus amigos. E hoje foi visível no rosto do António (2:1) essa alegria.

Com a confeção dos brigadeiros, um dos meus objetivos estava direcionado para o Tomás (2:5) e para o Pedro (1:11), duas crianças que demonstram relutância em sujar as mãos. O Pedro (1:11), como acontece muitas vezes, chegou já quando terminamos os brigadeiros, por isso, a minha atenção direcionou-se para o Tomás (2:5). Como todos os materiais que íamos explorar eram de chocolate, sabia que isso poderia ser um fator que me iria ajudar a conseguir que o Tomás (2:5) lhe tocasse e provasse. No entanto, não foi tão simples e fácil como estava à espera, mas com algumas tentativas e com a ajuda da Maria (3:00), consegui que o Tomás (2:5) tocasse e provasse a massa e as pepitas de chocolate.

O período da tarde destinou-se à escolha da prenda do dia do pai. Decidimos apresentar várias propostas de prendas às crianças através de fotografias, para que elas tivessem a oportunidade de manifestar o seu interesse sobre a prenda que pretendiam oferecer ao seu pai. Cada fotografia encontrava-se colada numa folha em branco, onde as crianças ao escolherem a prenda que queriam colocavam a sua fotografia junto da fotografia escolhida. Coloquei as folhas espalhadas por cima da mesa para as crianças poderem escolher. No entanto, comecei a aperceber-me que as crianças naquele plano não conseguiam ver, nem chegar a todas as fotografias, acabando as prendas que estavam mais próximas delas serem as escolhidas. Optei então por colar as propostas no painel da pintura que se encontra ao alcance das crianças, onde a partir daí as escolhas começaram a ser mais diversificadas.

À medida que iam chegando, ia-lhes explicando o que estava em cada fotografia, as crianças colocavam a cola na sua fotografia e colavam-na junto da prenda que queriam fazer. Quando chegou à vez do Tomás (2:5) e do Pedro (1:11) tive alguma dificuldade em dialogar com eles, pois são duas crianças que não falam, e quando falamos com elas normalmente não reagem, e foi o que aconteceu hoje. Expliquei-lhes que tinham de colar a sua fotografia junto da imagem que queriam fazer para o pai, mas quer um quer outro (estas escolhas foram feitas com cada criança individualmente) não se manifestavam. Entretanto, chegou o Diogo C. (3:00) e pedi-lhe que escolhesse o que queria fazer, para que o Tomás (2:5) percebesse o que era para fazer. O Diogo C. (3:00), muito cuidadoso, pegou na cara do Tomás (2:5) e disse: *“olha pa mim, vou colocar a fotografia ali, depois és tu, tá bem?”*. O Tomás (2:5) ficou atento ao Diogo C. (3:00). E depois de ele se ter ido embora, o Tomás (2:5) começou a olhar para todas as imagens e colocou a sua junto de uma imagem que ainda ninguém tinha escolhido. O mesmo aconteceu com o Pedro (1:11) que depois de ver a Lia (2:1) a fazer, conseguiu escolher a sua imagem.

**3ªfeira**

O dia de hoje estava destinado a elaborarmos as prendas para o dia do pai. Um dos objetivos que se pretendia com a elaboração da prenda era que as crianças a realizassem com a maior autonomia possível. Para as crianças elaborarem as prendas, optamos por reunir as crianças em pequenos grupos, com 2-3 crianças, de forma a podermos dar o maior apoio possível a todas elas. No entanto, em dado momento, quando estávamos a fazer com a Leonor (2:4) e com a Sofia (1:8) o avental com as mãos delas carimbadas, apercebi-me que não estava a desenvolver-lhes a autonomia, estando a ajudá-las a pintar as mãos e a carimbar. Então pedi à Leonor (2:4) para pintar as suas mãos sozinha, e que experimentasse carimbar sem a minha ajuda, o que consegui-o.

**4ªfeira**

Esta semana tenho observado que tem havido mais momentos de escrita e ilustração, uma vez que ao longo da semana anterior, quando as crianças pediam para fazer um desenho dizia-lhes para irem ao armário buscar o material necessário. Desde que lhes foi dada essa liberdade, esses momentos têm acontecido mais de forma natural e quando é do interesse das crianças. Hoje, por exemplo, a Sofia (1:8) veio ter comigo: “*Anha desenho*!”, e eu disse-lhe para ir ao armário buscar as canetas e a folha. Só que as folhas já tinham terminado e daí ela ter vindo ter comigo. Coloquei as folhas ao alcance das crianças, fechei o armário e disse-lhe que já podia ir. Entretanto, a Lia (2:1) chega, vê que a Sofia (1:8) está a fazer um desenho, abre o armário tira a folha e vai-se sentar ao pé da Sofia (1:8). O João, o Mateus e o Diogo C. (3:00), vêm-nas, vão ao armário tiram uma folha, mais uma lata com canetas e sentam-na na mesa a desenhar com elas.

**5ªfeira**

O facto de termos agora ao alcance das crianças muitos mais livros, tem contribuído para aumentar o interesse das crianças em explorá-los e folheá-los. Nestas últimas semanas as crianças têm demonstrado um interesse muito grande pelos livros, e tenho-me apercebido disso por observar algumas crianças com livros na mão; outras sentadas a folheá-los; outras pedem ao adulto para lhes ler, como aconteceu com a Sofia (1:8) que me veio pedir para lhe ler o livro; e por todos os dias, verificar que a área onde se encontram os livros está bastante desarrumada, pela utilização que tem, algo que antes não se sucedia, pois tínhamos poucos livros naquela área uma vez que as crianças estragavam muitos deles.

Como esta semana estava muito direcionada para o dia do pai, não foi possível arranjar os livros com as crianças, por esse mesmo motivo, esse aspeto será desenvolvido com as crianças na próxima semana, no momento do acolhimento ou no momento a seguir à sesta, onde existem poucas crianças na sala, podendo assim estes momentos serem desenvolvidos em pequenos grupos ou até individualmente.

Ao longo da PES em creche, tenho contado histórias às crianças em pequenos grupos, pois acaba por ser um momento de natureza dialogante e interativa, onde dá a possibilidade ao adulto e à criança de reforçarem e estabelecerem laços de afetividade. No entanto, apesar de conhecer as vantagens e a importância do conto de histórias em pequeno grupo, também é importante o conto de histórias em grande grupo onde esse momento poderá ser um tempo de interação social, como nos referem Hohmann e Weikart (2011). O facto de ser em grande grupo requer uma maior preparação, uma forma ainda mais dinâmica de contar a história e de cativar a atenção das crianças.

Desta vez, quando contei uma história em grande grupo decidimos conta-la na biblioteca onde as crianças têm um espaço maior para se sentarem, permitindo que todas consigam ver as imagens do livro, sem estarem a cobrir a visão ao colega, como acontece muitas vezes. O facto de durante o conto da história ter interagido com o grupo, pedindo-lhes que imitassem os vários animais, fazendo-lhes perguntas, permitiu que todo o grupo participasse no reconto da história e permitiu também que conseguisse cativar a atenção de todo o grupo, não havendo nenhuma criança que quisesse fugir para outro lugar, ou que estivesse a fazer outra coisa, senão ouvir e participar no reconto da história.

**6ªfeira**

A estratégia que a educadora sugeriu, para o momento do almoço, onde em cada dia dou apoio a um grupo de crianças (ao almoço as crianças encontram-se em quatro pequenos grupos, cada grupo numa mesa), permitiu que interagisse com todas as crianças no momento da refeição, ficando a conhecê-las ainda melhor. Apesar de passar o dia com todas elas, é nestes momentos mais calmos e individuais, que conseguimos reforçar a nossa relação de confiança e afetividade com as crianças. É também nestes momentos que acabamos por descobrir nelas, algo novo, como hoje foi o caso do João (1:11). Ao almoço, estava a ajudar o Tomás (2:5) a comer a sopa, e o João (1:11) começou a chamar por mim *“nhanha nhanha, áhua!”*, *queres água é? A Ana vai já, deixa-me só acabar de ajudar o Tomás”.*

A Sofia (1:8) ouviu falar em água e também me pediu. O João (1:11) dirigindo-se a ela responde-lhes“*nhanha áhua, ahua copo… papa Tomás*”, enquanto falava fazia os gestos apontando para o Tomás e para o garrafão com água. O João (1:11) de há umas semanas para cá venho notando-o “mais crescido”, mesmo nas brincadeiras, já interage muito com os pares, já partilha, ajuda os outros, preocupa-se quando vê alguém a chorar. Mesmo no que diz respeito à linguagem, em certos momentos a maneira como ele se expressava com poucas palavras mas com gestos, já permite que o adulto ou outra criança consiga estabelecer um diálogo com ele. E hoje, ele começou a falar, a explicar à Sofia (1:8) que tinha de esperar porque eu estava a ajudar o Tomás (2:5) a comer a sopa.

**Reflexão semanal**

Na segunda-feira, fizemos brigadeiros de chocolate com a mãe do António. Como seria mais um adulto na sala, aproveitei esse fator facilitador, para dar mais apoio ao Tomás (2:5), onde um dos meus objetivos era que ele explorasse a massa de chocolate, que lhe tocasse, que a cheirasse, que a comesse. Como estávamos a explorar chocolate (algo que ele gosta muito), sabia que poderia ser um aspeto que me iria ajudar a “conquistá-lo”. Assim que ele se apercebeu que íamos explorar alguma coisa com as mãos, que nos íamos sujar e que era comida, começou a afastar a cadeira da mesa. Assim que me sento ao pé dele, começou a virar a cara sabendo já que eu iria insistir com ele para tocar na massa, pelo menos. Sentei-me ao pé dele, e em vez de lhe dar logo a massa, coloquei à sua frente pepitas de chocolate – virou logo a cara.

Entretanto, coloco uma na minha boca e começo a dizer-lhe que aquilo era muito bom, dei também uma à Maria (3:00) – sentei-os um ao pé do outro já a pensar que a Maria (3:00) me poderia ajudar – e perguntei-lhe se aquilo era bom *“muito bom Tomás*!”, disse-me. Ele continuava com a cara virada para o lado, mas de vez em quando virava a cara para ver se estávamos a comer. Repetimos aquele momento mais duas vezes, até que ele se virou para nós a rir-se. Atrevi-me a colocar uma pepita na mão e perguntar-lhe se ele queria. Voltou a virar-me a cara, mas insisti com ele, coloquei a pepita em cima da mesa à sua frente, e dei-lhe espaço, virando-me para a Maria (3:00) que já tinha começado a fazer as bolas de chocolate. Quando me apercebo o Tomás (2:5) tinha a boca já com chocolate, sem lhe dizer nada, fui-lhe colocando mais pepitas ao pé dele, até que coloco um pouco de massa. Aí ele parou e ficou a olhar para mim, *“é a massa para fazermos os brigadeiros, olha como a Maria está a fazer.”*. Mas continuava parado a olhar para a massa. Peguei num bocado, fiz uma bola e passei-a pelas pepitas *“Tomás já viste a bola ficou cheia de chocolate. Gostaste muito, não foi? Agora segura na bola e coloca-a dentro da caixa”.* Mais uma vez afastei-me, e ele segurou na bola com a mão e colocou-a na caixa. De vez em quando colocava o dedo na bola, pois percebeu que ficava marcado lá o seu dedo.

Este momento o Tomás, foi muito importante para ele e com muito significado para mim. Apesar de ele não ter “espremido” e modelado a massa como a maioria do grupo, comeu, tocou e ficou com as mãos e a boca com chocolate, ou seja, acabou por explorar à sua maneira e conforme o seu interesse naquele material. Tê-lo incentivado primeiro com a ajuda da Maria (3:00), ter-lhe feito a proposta e depois disso ter-lhe dado espaço e não falar, foi muito importante, pois quando me afastei, quando a minha atenção não ficou toda direcionada para ele, foi quando ele “arriscou” e explorou o material. Não que a minha presença ali lhe estivesse a impedir de explorar ou que o estivesse a sentir-se retraído, pelo contrário, o estímulo/incentivo inicial também o ajudaram nesse processo. Aqui a exploração com o chocolate foi um aspeto que veio ajudar nesta exploração, porque é um alimento que ele gosta muito.

Poderei agora começar a aproveitar esta evolução do Tomás (2:5) no que toca à relutância de sujar as mãos, e poderei também aproveitar o facto de o Tomás (2:5) neste momento ser uma criança que já interage e brinca com os outros, que em alguns momentos já imita os outros, seja nas ações, seja nos sons - por exemplo, esta semana quando chegou, estavam algumas crianças sentadas de baixo da mesa com uma toalha por cima (formando uma tenda) o Tomás (2:5) assim que o pai o coloca no chão, ele vai a correr a gritar de felicidade espreitar para ver quem lá estava, algo que há uns meses atrás era impensável ver no Tomás (2:5) – para com a ajuda as crianças mais velhas e até de todo o grupo, criarmos momentos de moldar a massa, plasticina, pintar, etc.

Tenho aproveitado o momento do reforço alimentar, que normalmente acontece em grande grupo, e que são momentos onde as crianças se juntam para comer e conversar, para com as crianças falarmos sobre o dia da semana em que estamos, cantarmos o bom dia e falarmos sobre o que vamos fazer hoje. Ou seja, ao fim ao cabo, aquilo que de fazíamos de manhã no momento do acolhimento na área calma e que normalmente era muito atribulado, pois a entrada e saída dos pais quebrava esse momento, acabamos agora por fazê-lo à mesa enquanto as crianças comem, que acaba também por ser um momento de comunicação. E fazer este momento (da música do bom dia, do dia da semana e do tempo) que acaba por fazer parte da rotina da criança, à mesa, tem resultado muito melhor, pois para além de todas as crianças participarem, conseguem ficar mais tempo atentas ao que se está a falar, algo que na área calma, por vezes acaba por ser difícil, pois as crianças estão sempre a levantar-se, ou a disputar a almofada para se sentarem em cima dela, ou a mexer nos livros, etc.

Às vezes, quando apresentamos uma proposta para um determinado dia, queremos que esta seja fique concluída nesse mesmo dia, acabando, por vezes, por não conseguirmos atingir os objetivos concretos que pretendíamos com aquele momento. Foi o que se ia sucedendo com a elaboração da prenda do dia do pai, com a Leonor (2:4), como se encontra relatada nas anotações diárias de terça-feira. Apesar disso, apercebi-me da situação a tempo, conseguindo aquilo que pretendia com a elaboração da prenda – que as crianças a realizassem com a maior autonomia possível, pois ao fim ao cabo a prenda era delas para o pai, seria portanto, um trabalho feito por elas. Assim, foi a Leonor (2:4) que pintou as suas mãos, e foi ela que as carimbou no avental. Ela própria num dado momento, disse-me *“eu faço xoxinha*”. A Leonor (2:4) apesar de ser uma das crianças mais novas da sala, é uma criança muita desenvolvida, já revela uma capacidade muito grande de fazer as coisas sozinha, já sabe desabotoar os botões do bibe, come sozinha, é capaz de fazer os trabalhos sozinha (como o caso do avental para o dia do pai), etc..

É importante termos consciência destes atos por vezes irrefletidos, e termos também consciência que a proposta apresentada naquele dia se não ficar concluída, conclui-se noutro momento, à tarde, no dia seguinte, por exemplo. O importante é que as crianças desfrutem, explorem, aprendam e se desenvolvam com essa proposta, de acordo com os seus ritmos diferenciados e com os seus interesses e necessidades, pois o mais importante não é só o produto final, mas também o processo que se desenvolveu para se obter esse produto.

Nestas últimas semanas, após a reunião com a educadora e com a professora, foi abordada a questão da possibilidade das crianças terem mais momentos de escrita, para além do momento de escrita à segunda-feira. E para que isso fosse possível, era necessário que as crianças fossem incentivadas a irem ao armário buscar as folhas e as canetas sempre que quisessem, ou que os materiais se encontrassem num local visível e ao alcance das crianças. Como não existem estruturas para a última hipótese, optámos por “experimentar” a primeira hipótese, incentivando as crianças a irem ao armário buscar os materiais. E após ter começado a ser dada esta “liberdade” às crianças de realizarem estes momentos quando quisessem, uma vez que tinham o material ao seu alcance, esta semana, esses momentos de escrita e ilustração estiveram mais presentes na rotina das crianças do que é habitual. A Lia (2:1), por exemplo, já vai ao armário buscar o material, primeiro informa o adulto *“desenho?”* e de seguida vai busca-lo.

É importante que os materiais que se encontram na sala e que sejam para a criança manipular, explorar e utilizar se encontrem ao seu alcance, de modo a que estas consigam alcança-los sempre que quiserem sem o apoio do adulto, pois pelo que tenho observado ao longo da PES nas duas valências, quando existe essa autonomia a criança frequenta mais essa área ou realiza mais esses momentos. A área da expressão plástica é um exemplo disso mesmo. A área da expressão plástica não é muito utilizada pelas crianças uma vez que para o fazerem as crianças necessitam de pedir ajuda ao adulto. Ainda não conseguimos encontrar uma solução para essa área, talvez pelas dimensões da sala.